

LEITURAS CRÍTICAS DE ESPETÁCULOS DO FESTE_2023.

Onde Anda o Boi Jacá?: espetáculo fundamental que necessita algumas reponderações, por Alexandre Mate.

Na música *Quereias do Brasil*, criação de Maurício Tapajós e Aldir Blanc, composição maravilhosamente interpretada por Elis Regina, há uma afirmação segundo a qual “O Brasil não conhece o Brasil/ O Brazil tá matando o Brasil”. Trata-se de uma afirmação absolutamente verdadeira! “Sabe-se” muito do mais novo galãzinho de Hollywood do que (e é de pasmar) de Elis Regina! Tende-se a ficar muito mais satisfeito com o final feliz do parzinho romântico de uma telenovela do que com alguma conquista científico-humana, que beneficie parcela significativa da sociedade. Acreditando nas balelas da dita globalização, repete-se um incontável número palavras em inglês, sem saber seus significados, fundamentados na crença de que, ao assim proceder, se possa estar inserido em um suposto “mundo adiantado”!

De fato, a aderência e repetição às sempre renováveis modas (tão saborosas aos detentores do capital), tão apenas, encaixotam/ formatam as pessoas. Vive-se em um mundo artificial, manipulador, alienante, “restringidor” das singularidades, alienante, atordoante e absolutamente patrulhador. Enfraquecido e “possuído”, o sujeito é induzido a acreditar que as concessões se caracterizam no preço (bem alto!) a se pagar para que se seja considerado, aceito e tido como pessoa moderna. Ser artificialmente moderno, pela imposição das modas, é muito triste e cansativo.

O teatro também vem sendo desenvolvido por meio de infindas modas e imposições ideológico-estéticas. Estamos no mês de novembro e papai noel (figura tão artificial aos trópicos e necessidades básicas) ganha presença em quase todos os lugares. Por meio de outras transfigurações, os símbolos da linguagem teatral (assim como o patrono do Natal), vêm sendo reiterados, em todas as estações... Sem pesquisas mais aprofundadas de si, compreendendo, raízes, traços culturais e quem produziu antes em nossos quintais, é significativo o número de artistas que tende, subservientemente, a aderir à genialidade legada por meia dúzia de criadores (e vale o uso do masculino) ditos geniais. Criadores-paradigmáticos, é sempre bom lembrar, que se localizam em territórios bem distintos, localizados além mar.

O russo Léon Tolstoi, ao apropriar-se de uma prática e resistência praticada por artistas (homens e mulheres) da Rússia, afirmou algo próximo à necessidade de cantar nossa aldeia para que se consiga cantar o mundo. Esta afirmação não se guia pelo sabor das modas artificiais, mas, e sobretudo, pelo conhecimento e respeito às nossas ancestralidades. Assim, o que é realmente singular pode tender à universalidade.

A Severina Cia de Teatro, coletivo teatral de Pindamonhangaba, ao quebrar um conjunto impositivo de modas (principalmente aquelas vindas desde longe) resolveu cantar e contar aspectos da cultura caipira paulista e criar o espetáculo *Onde Anda o Boi Jacá*. Confesso, e de saída, que obras com tais propósitos ganham minha simpatia e interesse, imediatamente. Como pesquisador da linguagem teatral, tenho necessidade, próxima do vital, a apreciar tais criações. Invariavelmente, obras de resistência!

Então, e de saída, louvo de modo reverenciado à criação Severina. A obra apresenta, depois de um minucioso trabalho de pesquisa, conquistado principalmente por entrevistas, alguns traços da tradição do Boi Jacá. Em tempo, no interior paulista, jacá refere-se aos cestos feitos de grandes tirar de bambu (vime). Portanto, integrantes do coletivo teatral, com destaque a Laila Gama, que assustada e surpreendida em certa manhã de brincadeira com a manifestação, muitos anos depois, mobilizou-se para recuperar a tradição. Trata-se de um boi paulista, cujo corpo era feito de jacás e que, de certo modo, concentrava em si, na condição de manifestação representacional, um conjunto de tradições: da cultura regional caipira àquelas mais ligadas ao carnaval.

Trata-se de obra importante e urgente. O festejo dramatizado, ao ser reconfigurado para a linguagem teatral, tomou a estrutura arquetípica do teatro de revista. De modo mais especificado, depois do cortejo (lindamente cantado pelo conjunto e coordenado pela maravilhosa Vivian Rau) se caracteriza em um prólogo de entrada; as cenas são divididas em alguns episódios, que trazem outras figuras de tradições populares: Zé Pereira, Cesteiro, Vaqueiro etc, cujo trabalho narrativo é apresentado pelo conjunto de intérpretes, formado por Laila Gama, Rafaela Maya, Edu Lourenço, Porã Puri, Rafaela Santiago. O conjunto narra, apresenta as personagens (inclusive manipulando boneco e burrinha), canta, e desenvolve a obra, por vezes, a partir de desenhos coreográficos característicos. Na apoteose final, o lindo Boi Jacá é formado.

Apesar de obra tão significativamente exemplar, o espetáculo precisa se assumir como “de rua” e desenhar (sempre ampliadamente) seus territórios. É fundamental ampliar a roda e quebrar a chamada relação frontal. Em espaços públicos abertos, há gente em 360° e todo apelo desviante do olhar e da atenção ocorrem, permanentemente. Na apresentação ocorrida no indescritível e belo Parque da Cidade (que local inspirador!!!), o espetáculo selecionado para apresentar-se na 45ª edição do Festival Nacional de Teatro de Pindamonhangaba – Feste (2023), a chamada processionalidade não ocorreu, posto que absolutamente tímida, e houve um estrangulamento, pelo público, de algumas das cenas. Além disso, apesar de a iniciativa ser absolutamente válida para os espaços fechados, nos quais há uma concentração de foco, houve uma tradutora de libras, mas em espaços públicos abertos é impossível, muitas são as “disputas” nos espaços abertos.

Imagino, pelo debate ocorrido após o espetáculo, que a diretora Lilian Guerra (também responsável pelo texto final) tenha trabalhado em perspectiva colaborativa. Entretanto, o texto dramaturgicamente “aprisiona” muitas cenas: é preciso libertar o conjunto da palavra escrita. Nessa medida, os corpos expressivos poderão assumir, com bastante tranquilidade (tendo em vista o potencial presenciado), a festança representada pelo Boi Jacá. O “aprisionamento” da obra também impediu que as relações com o público pudessem ser mais efetivas. Rua é território de liberdade e de trocas.

O espetáculo, que é potencialmente belo, se caracteriza em imenso manancial de e para as cantorias coletivas. Afinar e depurar a obra é tarefa urgente. Afirmo publicamente e reitero (assim como, por exemplo, *O Lugar Onde o Peixe Para*, do Grupo Andaime, que é obra referência de Piracicaba): *Onde Anda o Boi Jacá* pode ser uma obra-marco do teatro pindamonhangabense. Cantar e contar tal tradição pode significar representar a cidade em muitos outros lugares e, também, servir de referência a tal tarefa.

Enfim, o Boi Jacá é tarefa Severina. Este é um dos brasis que o Brasil precisa também conhecer!